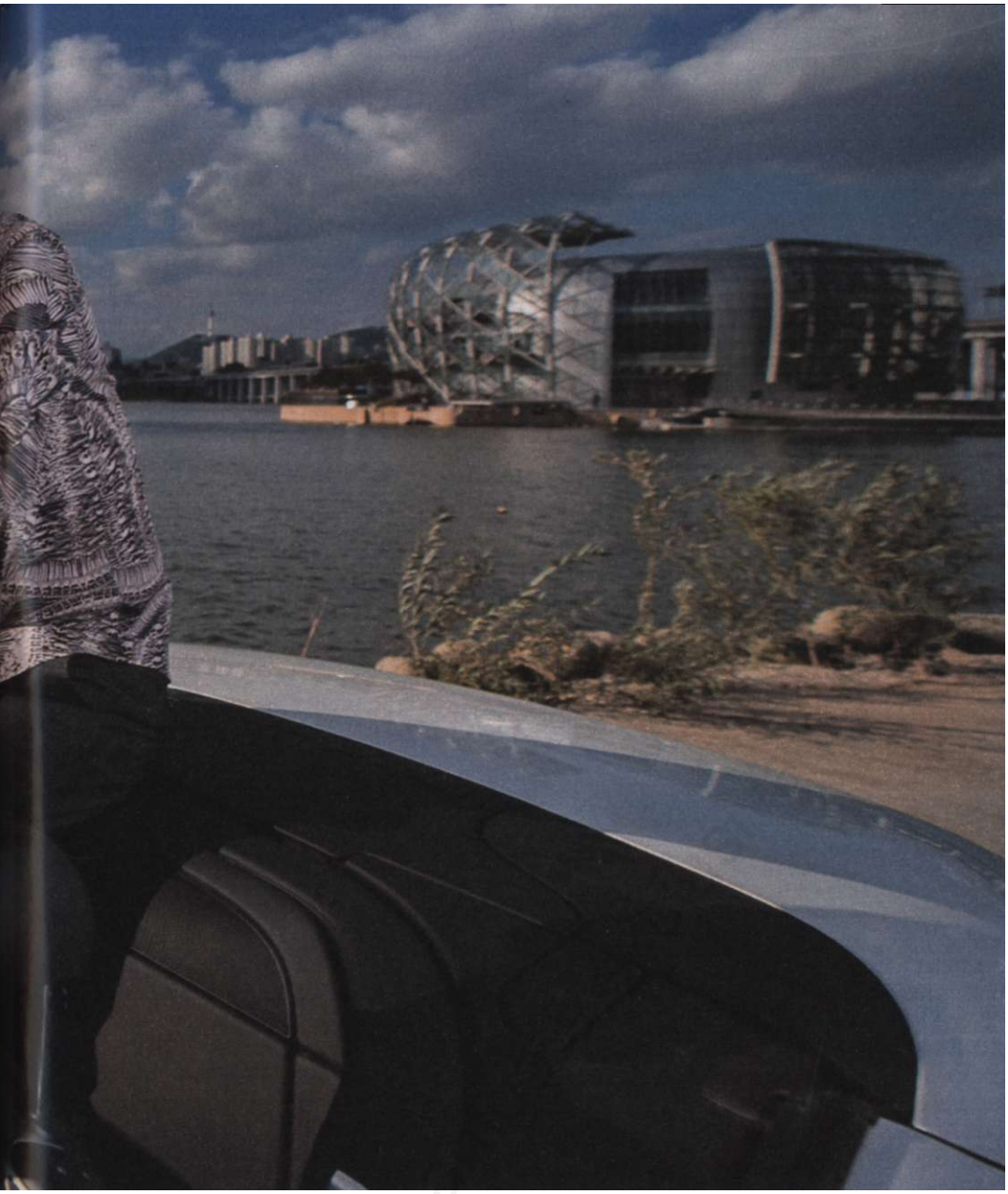
FAMOSOS, MILIONÁRIO PROFESSORES

Na Coreia do Sul, onde o ensino é obsessão nacional, quem se destaca por dar boas aulas atrai multidões de alunos, vira celebridade e até distribui autógrafos

Os cabelos cuidadosamente repicados ficam ao sabor do vento quando Woo Hyeong-Cheol rasga as ruas de Seul a bordo de seu Mercedes conversível. Ele guarda o tesouro na garagem do confortável apartamento onde convivem lado a lado um tapete de zebra comprado no Quênia, porcelanas do Egito e um vidrinho de Chanel nº 5 para trazer ao ambiente os ares de Paris. Aos 43 anos. Woo já se habituou a ser abordado aos gritos de "É ele! É ele!". Dá autógrafos como uma tarefa mecânica, à qual se acostumou depois que passou a ter fama e dinheiro. De óculos escuros e com uma camisa florida que deixa entrever um pesado pingente brilhante. Woo tem pinta e conta bancária compatíveis com as de certas estrelas do pop coreano. Mas foi alçado ao olimpo dos milionários da Coreia do Sul trilhando um caminho bem menos previsível — e surpreendente aos olhos de qualquer brasileiro: ele é professor. Seu título informal. Salvador dos Fracassados na



CONTA BANCARIA E JEITÃO DE ARTISTA
Woo Hyeong-Cheol. 43 anos, graduou-se em engenharia do petróleo, mas foi na sala de aula que despontou para a fama e começou a ganhar dinheiro de verdade. Mais de 100000 estudantes assistem na Internet às suas entusiasmadas aulas de matemática. É uma turma que também consome avidamente os livros com a sua grife e ajuda a elevar seu rendimento a cifras Inimagináveis para um professor: 5 milhões de dólares por ano. A arma de Woo é o boca a boca. "Meus alunos sempre são aprovados nas melhores universidades do país", gaba-se o mestre, a bordo do Mercedes conversível com o qual vai à escola. Às vezes Woo é interceptado aos gritos de "É ele! É ele!". Distribui autógrafos e pisa firme no acelerador.

S E...

Matemática, ajuda a entender sua reputação em um país onde o desempenho escolar é obsessão nacional. "Quanto mais alunos têm sucesso comigo, mais eu consigo atrair, e assim me mantenho na elite", explica o mestre, com a mesma capacidade de síntese que usa para ensinar sua matéria.

Woo integra um grupo de professores cujas aulas são acompanhadas todos os dias por centenas de milhares de esmdantes que os veneram. A internet foi um divisor de águas em sua vida e na dos outros mestres-celebridade. Essa turma já tinha acumulado certo dinheiro e notoriedade — algo que eles conquistaram alçando seus alunos ao topo e reforçaram com aparições na TV e em outdoors nos quais sobressaem seus sorrisos alvos. Mas esses professores jamais alcançariam tanta projeção na era pré-web. Eles não são os únicos no mundo a ver sua carreira na docência impulsionada pela rede — a popularização da educação online é um fenômeno mundial e crescente. Em poucos países, porém, se disseminou por todos os níveis do ensino e por uma parcela tão grande da população: oito de cada dez alunos coreanos frequentam uma sala de aula virtual — só Hong Kong e Singapura chegam perto. Por isso, os feitos acadêmicos de Woo e de seus colegas se tomaram assunto corrente nas rodas de especialistas interessados em aliar tecnologia e educação.

A rotina dos que despontaram para a fama inclui liturgias dignas de pop star. O professor de inglês Andrew Kim, 43 anos, não sai de casa sem uma generosa camada de base para disfarçar o brilho da face. Usa temos Hugo Boss de cone impecável, vive cercado de gente que o assessora na produção das aulas e vai à escola de motorista. Sua ascensão é visível. Ele mora no Tower Palace, conjunto de apartamentos de 3000 metros quadrados de área que custam até 10 milhões de dólares. Sua residência fica em Gangnam, o endereço dos novos endinheirados de Seul. lugar que ganhou súbita visibilidade depois de um certo rapper Psy estourar na intemet com um clipe em que desancava o estilo de vida local. Muitas escolas que servem de palco para os mestres mais cul-

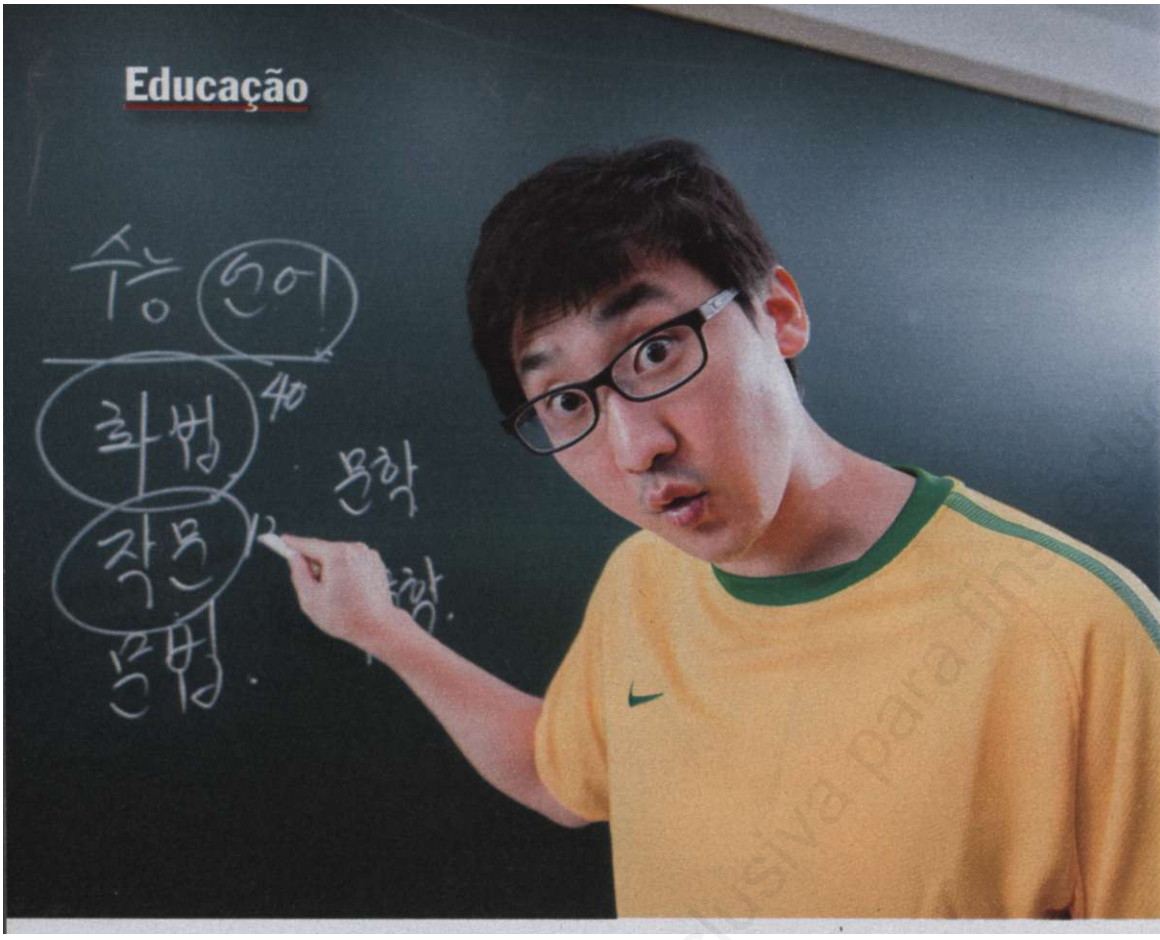
GANGNAM É A CASA DELE
Não é fácil chegar ao olimpo da docência na Coreia. O professor de inglês **Andrew Kim**, 43 anos, conta que, às vezes, a guerra é suja. Já tentaram até difamá-lo na rede, mas sua reputação ficou inabalada. "Se você é eficiente, não tem conversa", dispara Kim, que vive em um apartamento de 3 000 metros quadrados em um dos luxuosos condomínios de Gangnam, o bairro dos novos endinheirados de Seul. Ele passa férias na Califórnia, onde tem uma casa com uma valiosa adega, toca Beatles no violão e frequenta livrarias. "Se gosto do livro, faço o resumo de parágrafos inteiros e o uso em minhas publicações", diz, bem à vontade.

FOTOS GILBERTO TADDAY

tuados do país funcionam ali, vizinhas a clínicas de cirurgia plástica e às grifes internacionais da Rodeo Street (que faz lembrar mesmo a luxuosíssima Rodeo Drive de Beverly Hills, da qual roubou o nome). Kim tem ainda uma casa em Chino Hills, a uma hora de Los Angeles, onde cultiva uma adega com mimos como um Château Margaux safra 2000 e recicla, digamos assim, as ideias para novos livros e apostilas que levam a sua marca—atividade que também reforça o caixa de seus colegas. Ali joga golfe e vai às livrarias. "Se gosto de um livro, faço o resumo de parágrafos inteiros e o uso em minhas próprias publicações", explica sem nenhuma cerimônia.

Ele e os outros não ensinam em escolas convencionais, mas nas chamadas ***hagwons*** — instituições privadas especializadas em dar aulas de reforço depois da já extenuante jornada de estudos coreana. São comuns na Ásia. Na Coreia, há mais de 30000 delas, fazendo mover uma indústria que fatura 15 bilhões de dólares por ano e consome mais da metade do orçamento de uma família. Maior de todas as ***hagwons,*** a Megastudy já figura entre os negócios na área de tecnologia que mais crescem

"CANSEI DE SER UM PRODUTO"
O professor de coreano **Lee Mankee**, 52 anos, era estrela de um programa da TV estatal quando recebeu uma proposta da escola Megastudy, a meca dos professores-celebridade na Coreia. "Cheguei lá com o prestígio dos artistas que estão em alta", lembra Lee. Depois de juntar mais de 3 milhões de dólares em três anos, saiu para produzir material didático. Muita gente ainda o reconhece e o chama de Professor do Povo, como era conhecido antes. "Ganhei fama e dinheiro, mas cansei de ser um produto. Agora só quero é paz", filosofa Lee.



GILBERTO TADAY

DA NOVA GERAÇÃO **Kwon Kyu-Ho**, 32 anos, e a equipe que o assessora em suas aulas de matemática trabalham todos os dias vestidos assim, com a camisa da seleção brasileira – "unida" e "vencedora". Kwon passou três anos sem engatar um namoro firme, dedicado apenas ao aprimoramento de sua técnica e estilo. Tudo aconteceu como planejado: cravou seu primeiro milhão de dólares em 2011 e tornou-se a mais nova celebridade das salas de aula na Coreia. "Gravo até dez aulas por dia. Quero aproveitar que estou no auge", diz.

no país. Veem-se lá crianças a partir de 6,7 anos. São raras as que não frequentam essas escolas. O objetivo de esforços tão exageradamente precoces é preparar-se para vencer a dura peneira que aguarda a todos na juventude, quando enfrentarão o exame de ingresso na universidade. Conseguir uma vaga na elite do ensino superior coreano é decisivo para conquistar um bom posto no mercado de trabalho e ter status na vida. Em dia de prova, nem mesmo os aviões decolam — tudo em prol do silêncio e da concentração. "Essa alta demanda por educação é um campo fértil para que os bons professores enriqueçam", avalia Lee Mankee, 52 anos. ele próprio uma ex-celebridade das salas de aula. hoje dedicado à produção de material didático. Mudou de ares por duas razões: já tinha 3 milhões de dólares na poupança e cansou de ser "um produto".

A concorrência para chegar ao olimpo da docência é vencida por poucos. Em cada disciplina, não mais do que uma dezena de mestres já ultrapassou a barreira dos 100000 alunos e amealhou cifras milionárias. O que fez com que se despregassem da média não foi uma vocação fora do comum — algo que outros menos famosos talvez tenham até em mais alto grau —, mas a habilidade para organizar as ideias, focar o principal e criar ambientes desafiantes. Eles são até bastante criticados na Coreia, onde alguns os têm como o retrato acabado de uma indústria criada para fazer passar nos exames e triturar os alunos. Essa é certamente uma parte da história, mas não a única. Afinal, os estudantes coreanos estão no pódio do ensino mundial. E é essa mesma indústria ora demonizada que também vem se encarregando de tomar o ensino acessível a mais gente, via intemet. Um pacote mensal ministrado por uma estrela da docência sai em tomo de 80 dólares — dos quais os professores embolsam cerca de 30%.

Respirar o mesmo ar que essas celebridades custa mais caro e requer paciência. Ao vivo, o preço da aula é de 100 dólares, e formam-se filas de meses por uma carteira. "As pessoas não esperam para ver ***O Rei Leão*** na Broadway? Por que não fazer o mesmo por uma boa lição?", compara Woo. Ele e os outros chegam a dar palestras em grandes arenas diante de multidões de estudantes e pais entre curiosos e embevecidos. A remuneração milionária — nestas páginas ela oscila entre 2 e 5 milhões de dólares por ano — explica-se justamente pela escala que eles alcançam. "Gravo até dez aulas de matemática por dia. Não dá para parar", diz Kwon Kyu-Ho, 32 anos, pupilo de Woo, que seguiu com disciplina coreana as palavras do mestre: passou três anos sem engatar um namoro sério e devotou dias e noites ao aprimoramento de exercícios, técnica e estilo. Virou celebridade.

O estudo já era exaltado na Coreia sob a influência confucionista cinco séculos atrás. Nos anos 1950, nem mesmo a guerra entre norte e sul paralisou as aulas, dadas sob lonas improvisadas em meio aos destroços. A revolução que fez do país um dos melhores do mundo no ensino se iniciaria uma década depois. Foi aí que o governo decidiu conceder aos professores os mais altos salários de todo o funcionalismo público. Poucos profissionais no país desfrutam tanto prestígio. Poucos também têm o desempenho tão vigiado de peno. Os pais são implacáveis na hora de se arvorar em prol da qualidade e não baixam a guarda em casa. O computador os tem ajudado. Se um estudante ameaçar deixar sua lição virtual antes do fim, verá surgir na tela uma mensagem certeira enviada pela Megastudy — a meca dos pop stars da sala de aula: "Não desconecte. Sua mãe agradece". •

Fonte: Veja, São Paulo, ano 45, n. 48, p. 168-172, 28 nov. 2012.